

O tempo histórico e o *loop* da *vertigem* tecnológica

Bruna Sola Ramos



Avaliando a transição do século XX para o XXI, Sevcenko (2001) toma uma viagem de montanha-russa como alegoria para tratar das tendências mais marcantes de nosso tempo. Viveríamos o que ele nos apresenta como o momento da *vertigem do loop*, o clímax de uma aceleração precipitada nas transformações tecnológicas de nossa época. Para o historiador e crítico da cultura, o conjunto do aparato tecnológico contemporâneo seria “imprevisível, irresistível, incompreensível”, dado que seu universo de possibilidades e expectativas é completamente reconfigurado, em pequenos intervalos de tempo, pelo movimento progressivo de ampliação, condensação e miniaturização de seus potenciais.

Celebrando a velocidade [incontrolável] das transformações tecnológicas, na esteira da lógica do mercado, mergulhamos em um ritmo de velocidade pura e mal nos damos conta do colapso de nossos horizontes temporais, que se reduzem a um ponto em que só existe o presente, tal qual “o mundo do esquizofrênico”, em

metáfora apontada por Harvey (2009). O pressuposto assumido é o da existência de uma *fissura* histórica que conformaria a *emergência* de uma nova era, na qual tanto as circunstâncias históricas quanto suas condicionalidades múltiplas estariam zeradas. Com isso, todo e qualquer sentido de continuidade e de memória histórica são abandonados em favor de “uma incrível capacidade de pilhar a história e absorver tudo que nela classifica como aspecto do presente” (ibid. p.58).

Para problematizar a dimensão presentista da contemporaneidade, que traz em si o sentido da perda da transcendência histórica e de seu caráter emancipatório, busco inscrevê-la no diálogo com Bakhtin (2000), que nos convida a “ver” e a “ler” o tempo em marcha, como uma *grande temporalidade*. Grande, porque capaz de abraçar passado, presente e futuro, de um tempo que não é apenas cíclico, é essencialmente histórico; e como tal, só pode ser apreendido em meio à *pluritemporalidade* que o constitui – entre os vestígios criadores do passado, as marcas que (con)formam o presente e as possibilidades que semeiam o *devir*.

O tempo histórico, portanto, não se limita à sucessão linear dos acontecimentos do tempo físico, que, embora essenciais, só adquirem valor, mesmo, se percebidos em meio à cadeia de eventos e relações que a eles conformam sentidos únicos. Por isso, a história não se faz “morta” – como anunciam os pós-modernos – em uma sequência de eventos justapostos e reversíveis, de presentes ininterruptos e fluidos, mas é sempre reescrita e atualizada na própria historicidade de cada novo acontecimento.

Nestes tempos em que instantes se acumulam sem passado nem futuro, há que se rediscutir, inelutavelmente, o *lugar* do *tempo histórico* na relevância de sua composição *visível*, o que significa dizer, reencontrando Bakhtin, por meio das marcas que a *mão* e o *espírito* do homem inscrevem continuamente no grande tempo.

Essa é uma tarefa a que não podemos nos furtar: a de reencontrar nosso lugar próprio nas inscrições deste grande tempo, na contramão de um determinismo tecnológico que insiste em apagar-nos como sujeitos da história.

Referências:

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 18ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Sobre o autor:

Doutoranda do ProPEd/UERJ, professora da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e pesquisadora do Grupo Educação e Comunicação.